

## O DESENHO DA EXPANSÃO URBANA DE LONDRINA

Rafael Rossetto Ribeiro (PIC/UEM), Mariana Wowk Morita (PIC/UEM), Gislaine Elizete Beloto (Orientador), e-mail: gebeloto@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia/Maringá, PR.

### Ciências Sociais Aplicadas - Arquitetura e Urbanismo

**Palavras-chave:** forma urbana, escala territorial, modelo conceitual (urbanismo)

#### Resumo:

Partindo da premissa de que a mancha urbana de Londrina corresponde a um ente único e, de que além desta cidade, é composto também pelas cidades de Cambé e Ibiporã, o presente projeto de iniciação científica objetivou delinear as características da expansão urbana de Londrina, naquilo que se refere à forma sobre o território ao longo de uma linha temporal. O modelo de expansão e organização do território formado pela cidade é demonstrado através de três variáveis: (1) forma compacta (2) forma fragmentada, e (3) forma dispersa da mancha urbana. Dentro dessa classificação, obtém-se os três ciclos de expansão da mancha urbana de Londrina, no qual a mancha urbana originalmente compacta passa por um processo cada vez mais fragmentário de sua forma, conduzindo-a, atualmente, pela sua dispersão territorial.

#### Introdução

A dispersão das grandes capitais nacionais e globais não diz respeito a um fenômeno urbano recente, muito menos estudos e propostas para limitar ou reduzir o crescimento destas grandes cidades são novas contribuições acadêmicas e profissionais. Certamente que nas últimas três décadas a conceituação deste fenômeno se intensificou, no entanto manteve-se dentro da descrição da dinâmica e da organização territorial dos grandes centros urbanos. Trabalhos como os de Francesco Indovina (2004) que aborda a difusão urbana na região central de Vêneto, Itália, são exemplos de que o espalhamento da cidade sobre o território é um fenômeno que também ocorre em regiões formadas por cidades de médio porte. No Brasil, estudos que englobam as cidades médias quase sempre se referem aos aglomerados urbanos que, por sua vez, são colocados na condição de área de expansão das grandes metrópoles. De maneira geral, estes são trabalhos que enfatizam a periferização do espaço urbano como aqueles vinculados ao mercado imobiliário e ao Estado (IBGE, 2017; SPÓSITO, 2007). Menos explorada é a perspectiva da forma propriamente dita que estas manchas urbanas assumem e como as estruturas ambientais e antrópicas contribuem para a formação desta mancha no território.

Partimos do pressuposto de que falar dos processos que conformam a cidade não é a mesma coisa do que falar da forma que esses processos levam a cabo, conforme enfatiza Monclús (1999). A forma pode ser entendida como o resultado de um processo, em que o ponto de partida não é a própria forma (ARGAN, 1993). Contudo, como um palimpsesto, a forma carrega em si marcas do processo que lhe deu origem (CONZEN, 2004; CORBOZ, 2004).

Com base nessas considerações, a rede urbana do norte do estado do Paraná, Brasil, vem sendo recentemente estudada através da configuração da mancha urbana de Maringá. (BELOTO ET AL, 2017). Estas são cidades *ex novo* implantadas entre os anos de 1930 e 1945 a partir de um plano sistematizado de parcelamento e ocupação regional que envolvia tanto glebas rurais quanto a instalação de um conjunto de cidades articuladas por um eixo rodoferroviário, imprimindo singularidade ao território.

Diante disso, o presente trabalho investiga as características da mancha urbana de Londrina naquilo que se refere à forma sobre o território ao longo de uma linha temporal. O modelo de expansão e organização do território formado por ambas as cidades é demonstrado através de duas variáveis: (1) forma compacta, (2) forma fragmentada da mancha urbana e (3) forma dispersa, mesmo assim, com ressalvas devido à extensão da dispersão verificada.

## Materiais e métodos

As variáveis consideradas para a metodologia do trabalho são objetivamente definidas através da revisão bibliográfica do texto da conferência realizada pelo professor e arquiteto Antonio Font Arellano (2007) intitulado *Dispersão e difusão na região metropolitana de Barcelona* devido ao modo mais preciso com que trata as formas do crescimento urbano. Sendo assim, para este estudo, a forma compacta refere-se a forma canônica da cidade, com limites claramente definidos; a forma fragmentada, variável específica deste estudo, sendo comumente tratada como sinônimo de “dispersa”, consiste na forma urbana com a presença de áreas não-ocupadas no interior da mancha, o que dificulta mas não impossibilita a percepção da linha de contorno desta mancha; a forma dispersa consiste na descontinuidade das peças urbanas no território, sem uma linha limite que define claramente a mancha urbana; e, por último, a forma difusa que é dissolução da cidade e a efetiva extensão dos valores urbanos pelo território.

Após a clara definição das variáveis a serem aplicadas, a pesquisa compreendeu também na pesquisa documental junto com as prefeituras dos municípios de Londrina, Cambé e Ibiporã para o levantamento das áreas, das localizações e datas de aprovações dos loteamentos. Com isso elaborou-se uma série histórica decenal, o qual as análises da forma da mancha urbana de Londrina realizar-se-iam.

## Resultados e Discussão

O período entre as décadas de 1930 e 1950 corresponde à implantação de Londrina e das demais cidades de seu entorno, Cambé e Ibiporã. Neste período a taxa de crescimento populacional urbano de Londrina, principal cidade dentro do conjunto urbano devido a produção agrícola cafeeira, era de 100% por década. Contudo, embora houvesse um grande crescimento populacional e logo um aumento da área urbana se comparado ao que foi implantado inicialmente no final dos anos de 1930, os núcleos urbanos mantinham seus limites claramente definidos. De modo que o que de fato unia as cidades em um conjunto urbano era o eixo rododiferroviário situado sobre o divisor de águas principal.

O processo de expansão de Londrina se deu a princípio de forma extensiva, a partir da década de 1940 com a transformação de lotes rurais em lotes urbanos, gerando pequenos fragmentos ao norte da linha férrea. A expansão extensiva prosseguiu pela década de 1950 através da formação de dois vetores contínuos ao núcleo original. Um deles se desenvolveu ao longo da rodovia BR-369 em direção à cidade de Cambé e o outro vetor se formou em sentido oposto, seguindo a instalação do aeroporto que acabava de ocorrer.

Na década de 1960, o desenho da área urbana dava-se através de uma periferia fragmentada em paralelo à permanência da expansão contínua na porção central. Além disso, a conurbação entre Londrina e Cambé através do eixo rodoviário começou a ser nítida e inevitável. Nesse período também se evidencia o vetor de expansão sudeste em direção à Curitiba, composto pela rodovia PR-445.

Posteriormente, no intervalo de 1971-1980, o vetor de expansão sudeste ocasiona uma dinâmica maior na ocupação da porção sul e sudeste de Londrina, especificamente ao longo do ribeirão Cambé, sobretudo pelo potencial paisagístico do lago Igapó e a valorização imobiliária de seu entorno. Também nesse período o campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi inaugurado, estabelecida no meio do vetor de expansão, na porção sul da bacia hidrográfica do ribeirão Cambé.

Na década seguinte (1980), as terras no entorno do lago Igapó foram loteadas, resultando no preenchimento da mancha urbana em sua porção sudeste e englobando em seu tecido parte da estrutura natural, que anteriormente o limitava. Paralelamente, uma série de loteamentos de interesse social vinha sendo implantada desde a década de 1970 na zona norte de Londrina e na proximidade com Cambé, levando à fragmentação da borda da mancha urbana, caracterizando também uma expansão extensiva de Cambé e culminando no entrelaçamento das malhas das duas cidades.

Após o momento de acelerada verticalização em Londrina que ocorreu entre 1985 e 1990, a década de 1990 voltou a ver um crescimento urbano extensivo, mesmo não havendo cessado a expansão intensiva. O período caracterizou-se pelo surgimento dos condomínios rurais, que iniciou uma tendência à dispersão da cidade sobre o território rural. Enquanto isso, intensificou-se o preenchimento das bordas fragmentadas e a parte mais central da mancha urbana tornava-se mais compacta e contínua, evidenciando as estruturas naturais. Paralelamente, Ibiporã sofre uma expansão significativa, reforçando a ideia de uma futura conurbação com Londrina.

O período entre 2001 e 2010 caracterizou-se por uma maior dispersão da mancha urbana em relação à década anterior, vinculada ao nível tecnológico da sociedade que se traduz no aumento da frota de veículos e o trabalho remoto.

Diferentemente, a década presente não mantém o mesmo ritmo de dispersão; o que se vê é a retomada de parcelamentos contínuos à porção compacta da mancha urbana, fechando a parte da borda fragmentada e voltando a evidenciar as estruturas naturais.

## Conclusões

Diante dos resultados apresentados e com base nas variáveis que nortearam a metodologia do estudo, a mancha urbana de Londrina apresentou três ciclos de expansão. O primeiro ciclo é formada pelos anos 1930 e 1960; o segundo corresponde de 1961 a 1990, período em que ocorre um grande crescimento populacional, a mudança na matriz agrícola e a política habitacional setorial financiada pelo governo federal; e o terceiro ciclo, que ocorre a partir de 1991, quando se observa a dispersão da mancha urbana. Atualmente, tem-se visto a retomada de parcelamentos contínuos à porção compacta da mancha urbana, fechando parte da borda fragmentada e evidenciando as estruturas naturais, o que indica a possibilidade do início de um novo período ou um novo modelo de expansão urbano pelo território.

## Referências

- ARGAN, G. C. (1993). História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes.
- BELOTO, G. E.; COIMBRA, M. H.; SANTOS, J. L. (2017). A escala territorial e a permanência de uma mancha urbana compacta. 6ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana. Morfologia Urbana: território, paisagem e planejamento (732-739). Anais [...]. Vitória: UFES.
- CORBOZ, A. (2004). El território como palimpsesto. In A. M. Ramos (ed), Lo urbano em 20 autores contemporâneos (25-34). Barcelona: UPC.
- FONT ARELLANO, A. (2007). Dispersão e difusão na região metropolitana de Barcelona. In N. G. Reis; N. Portas; M. S. Tanaka (ed), Dispersão urbana. Diálogo sobre pesquisas Brasil-Europa (61-74). São Paulo: FAPESP: CNPQ.
- INDOVINA, F. (2004). La ciudad difusa. In A. M. Ramos (ed), Lo urbano em 20 autores contemporâneos (49-60). Barcelona: UPC.
- MONCLÚS, F. J. (1999). Ciudad dispersa y ciudad compacta. Perspectivas urbanísticas sobre las ciudades mediterráneas. D'Humanitats, 7, 95-110.
- SPÓSITO, M. E. (2007). Descontinuidades territoriais e novas morfologias urbanas no estado de São Paulo. In N. G. Reis; N. Portas; M. S. Tanaka (ed), Dispersão urbana. Diálogo sobre pesquisas Brasil-Europa (93-110). São Paulo: FAPESP: CNPQ.